

**O  
PRAZER  
ARMADO**

raividições  
raiva.pt.vu  
raividita@yahoo.com

**Alfredo M. Bonanno**

Título original: *La gioia armata*, de Alfredo M. Bonanno, publicado por Edizioni Anarchismo, Catania, em 1977.

Traduzido para o Inglês por Jean Weir, publicado por Elephant Editions em 1998 e re-publicado por firestarter press em 2003.

Tradução e edição: raividições, em 2006. Revisto em 2007.

Textos já publicados:

- [anónimo], *Questões de organização. 31 teses insurreccionalistas.*
- Alfredo M. Bonanno, *A tensão anarquista.*
- Bob Black, *A abolição do trabalho.*
- Sasha K., *O acto insurreccional e a auto-organização da luta.*
- Wolfi Landstreicher, *A rede de dominação - análises anarquistas das instituições, estruturas e sistemas de dominação e exploração para serem debatidas, desenvolvidas e postas em prática.*
- Wolfi Landstreicher, *Auto-organização autónoma e intervenção anarquista: uma tensão na prática.*
- Wolfi Landstreicher, *Da política à vida - livrando a anarquia do fardo esquerdista.*
- Wolfi Landstreicher, *Pensamentos bárbaros. Sobre uma crítica revolucionária da civilização.*

## Introdução

Este livro foi escrito em 1977, no ímpeto das lutas revolucionárias que tomavam lugar na Itália naquela altura, e essa situação, agora profundamente diferente, deve ser tomada em conta quando o lemos hoje.

O movimento revolucionário, incluindo o anarquista, estava em fase de desenvolvimento e tudo parecia possível, mesmo uma generalização do confronto armado.

Mas era necessário uma pessoa proteger-se do risco de especialização e militarização que uma restrita minoria de militantes tinha intenção de impor em dezenas de milhar de companheiros que estavam a lutar com todos os meios possíveis contra a repressão e contra a tentativa do Estado – bastante fraca, na verdade – de reorganizar a gestão do capital.

Essa era a situação em Itália, mas algo semelhante estava a acontecer na Alemanha, na França, na Grã Bretanha e noutros lugares. Parecia essencial evitar que as muitas acções contra os homens e estruturas do poder levadas a cabo pelos companheiros no dia-a-dia fossem arrastadas para a lógica planeada de um partido armado, como as Brigadas Vermelhas na Itália.

Este é o espírito do livro. Mostrar como uma prática de libertação e destruição pode emergir de uma lógica de luta alegre, não de uma rigidez mortal e esquemática, dentro da doutrina de um grupo dirigente.

Alguns destes problemas já não existem, foram resolvidos pelas duras lições da história. O colapso do verdadeiro socialismo redimensionou de repente as ambições directivas de marxistas de todas as tendências, para sempre. Por outro

lado, isso não extinguiu, possivelmente até atiçou, o desejo de liberdade e de comunismo anarquista que se está a espalhar por todo o lado, especialmente entre as gerações jovens, em muitos casos sem recorrer aos tradicionais símbolos do anarquismo, sendo que os seus slogans e as suas teorias são também considerados, com uma recusa visceral que é compreensível mas não partilhada, estarem afectados com ideologia.

Este livro tornou-se novamente importante, mas de um modo diferente. Não como crítica de uma estrutura altamente monopolizadora que não mais existe, mas porque pode salientar as potenciais capacidades da pessoa no seu percurso, com prazer, para a destruição de tudo o que a oprime e regula.

Antes de terminar, devo referir que o livro foi mandado ser destruído na Itália. O Supremo Tribunal Italiano ordenou que fosse queimado. Todas as bibliotecas que tinham um exemplar receberam uma circular do Ministério do Interior ordenando a sua incineração. Mais do que um bibliotecário recusaram queimar o livro, considerando tal prática digna dos Nazis ou da Inquisição, mas pela lei o volume não pode ser consultado. Pela mesma razão, o livro não pode ser distribuído legalmente em Itália e muitos companheiros viram as suas cópias ser confiscadas durante uma grande vaga de raids levada a cabo com esse propósito.

Fui condenado a dezoito meses de prisão por escrever este livro.

Alfredo Bonanno  
Catania, 14 de Julho de 1993

emergir da nossa luta aqui e agora.

E, pela primeira vez, a vida triunfará sobre a morte.

Notas:

(1) Stakhanovita, do Stakhanovismo: uma ideologia na ex-União das Republicas Socialistas Soviéticas (URSS), que tem por objectivo encorajar o trabalho duro e o mais rentável possível, seguindo assim o exemplo de Stakhanov, um mineiro dos anos 30 e 40, cujo padrão de produtividade ganhou fama.

**Em frente, todos! E com braços e coração, palavra e caneta, punhal e revólver, ironia e maldição, roubo, envenenamento e fogo posto, vamos declarar... guerra à sociedade...**

Dejaque

XI

Vamos pôr um ponto final na espera, nas dúvidas, nos sonhos de paz social, nos pequenos compromissos e na ingenuidade. Todo o lixo metafórico que nos é fornecido nas lojas do capitalismo. Vamos pôr de lado as grandes análises que explicam tudo até ao mais ínfimo pormenor. Enormes volumes carregados de senso comum e medo. Vamos pôr de lado ilusões democráticas e burguesas de discussão e diálogo, de debate e assembleia, e as iluminadas capacidades dos chefes mafiosos. Vamos pôr de lado a sabedoria que a burguesa ética do trabalho escavou nos nossos corações. Vamos pôr de lado os séculos de Cristandade que nos ensinaram o sacrifício e a obediência. Vamos pôr de lado padres, patrões, líderes revolucionários, líderes menos revolucionários e os que não são revolucionários de todo. Vamos pôr de lado números, ilusões de quantidade, as leis do mercado. Vamo-nos sentar por momentos nas ruínas da história dos perseguidos, e reflectir.

O mundo não nos pertence. Se tem um amo que é estúpido o suficiente para o querer do modo como está, esse amo que fique com ele. Que conte as ruínas no lugar de edifícios, os cemitérios no lugar de cidades, a lama no lugar de rios e o resíduo putrefacto no lugar de mares. O maior espectáculo de magia do mundo não mais nos encanta.

Estamos certos de que comunidades de prazer irão

**Em Paris, 1848, a revolução era um feriado sem começo nem fim**

Bakunine

I

Porque raio é que estas queridas crianças alvejaram Montanelli nas pernas? Não teria sido melhor alvejarem-no na boca?

Claro que teria. Mas também teria sido mais pesado, vingativo e sombrio. Estropiar uma besta daquelas pode ter um lado mais profundo, mais significativo, que vai para além da vingança, de o punir pela sua responsabilidade, pelo jornalista fascista e lacaio patronal que ele é.

Estropiá-lo obriga-o a coxear, fá-lo lembrar-se. Ainda mais; estropiar é um passatempo mais agradável do que alvejar na boca, com pedaços de cérebro esguichados através dos olhos.

O companheiro que se levanta todas as manhãs e pelo nevoeiro caminha até à sufocante atmosfera da fábrica, ou do escritório, apenas para ver as mesmas caras: o chefe, o pontual, o espião do momento, o Stakhanovita (1)-com-sete-crianças-para-alimentar, sente a necessidade de revolução, de luta e de confronto físico, mesmo que mortal. Mas também quer dar a si mesmo algum prazer agora; já. E alimenta este prazer nas suas fantasias enquanto caminha de cabeça baixa no nevoeiro, gasta horas em comboios ou eléctricos, sufoca nas idas sem sentido ao escritório ou no meio dos inúteis parafusos que servem para manter juntos os inúteis mecanismos do capital.

Alegria remunerada; fins-de-semana fora ou férias anuais pagas pelo patrão é como pagar para fazer amor.

Parece o mesmo, mas há algo que falta.

Centenas de teorias empilhadas em livros, panfletos e jornais revolucionários. Devemos fazer isto, fazer aquilo, ver as coisas da maneira que este disse ou que aquela disse, pois eles são os verdadeiros intérpretes deste ou daquela do passado, aquele/as em letras maiúsculas que preenchem os sufocantes volumes dos clássicos.

Mesmo a necessidade de os manter à mão faz tudo parte do ritual. Não os ter seria mau sinal, seria suspeito. Em qualquer caso, é útil tê-los à mão. Sendo pesados, sempre poderiam ser arremessados à cara de algum problema. Não uma nova mas, em todo o caso, uma saudável confirmação da validade dos textos revolucionários do passado (e do presente).

Nunca há nada sobre prazer nestes volumes. A austeridade do convento não tem nada a invejar à atmosfera que se respira nas suas páginas. Os seus autores, párcos da revolução de vingança e castigo, passam o tempo a pesar culpa e retribuição. Ainda mais; estas pessoas puras em calças de ganga fizeram um voto de castidade, portanto também o esperam e impõem. Querem ser recompensadas pelo seu sacrifício. Primeiro, abandonaram o ambiente confortável da sua classe de origem, e depois colocaram as suas habilidades à disposição dos deserdados. Cresceram com o hábito de usar palavras que não são as suas e de fumar umas pontas com a mesa suja e as camas por fazer. Portanto, deve-se pelo menos ouvi-las.

Sonham com revoluções ordeiras, princípios primorosamente desenhados, anarquia sem turbulência. Se as coisas tomam um rumo diferente, começam a gritar “provocação”, berrando suficientemente alto para a polícia os ouvir.

lho. Nada pode ser simultaneamente positivo e negativo, no quadro da produção. É possível defender o não-trabalho, não a negação do trabalho mas a sua suspensão temporária. Do mesmo modo, é possível defender a não-mercadoria, o objecto personalizado, mas apenas no contexto de “tempo livre”, ou seja, algo que é produzido como um *hobby* nos intervalos de tempo concedidos pelo ciclo produtivo. Neste sentido, está claro que estes conceitos, o não-trabalho e a não-mercadoria, são funcionais para o modelo geral de produção. Somente clarificando o significado do prazer e o respectivo significado da morte, como componentes de dois mundos opostos em luta um contra o outro, é que é possível comunicar elementos das acções de prazer sem nos iludirmos de que podemos comunicar todos eles. Alguém que comece a experimentar prazer, mesmo que numa perspectiva não directamente relacionada com o ataque ao capital, está mais desejoso de abraçar a significância do ataque, pelo menos mais do que aqueles que permanecem amarrados a uma visão desactualizada do confronto, baseada na ilusão da quantidade.

E, portanto, o mocho poderia, ainda assim, bater asas e voar.

morte, é um sinal de loucura, é tempo de toda a gente começar a perceber a armadilha que se esconde por detrás de tudo isto. O inteiro aparato da tradição cultural ocidental é uma máquina de morte, a negação da realidade, um reino dos fictícios que agregou todos os tipos de infâmia e injustiça, exploração e genocídio. Se a recusa desta lógica está condenada como loucura, então devemos distinguir entre loucura e loucura.

O prazer está a pegar em armas. O seu ataque está a submeter a alucinação mercantil, o mecanismo, a vingança, o líder, o partido, a quantidade. A sua luta está a deitar abaixo a lógica do lucro, a arquitectura do mercado, a programação da vida, o último documento no último arquivo. A sua violenta explosão está a subverter a ordem de dependência, a nomenclatura de positivo e negativo, o código da ilusão mercantil.

Mas tudo isto deve ser capaz de se comunicar. A passagem do mundo do prazer para o mundo da morte não é fácil. Os códigos estão desfasados e acabam por se aniquilar uns aos outros. O que é considerado ilusão no mundo do prazer é realidade no mundo da morte, e vice-versa. A morte física, uma grande preocupação no mundo da morte, é menos mortificante do que é impingido como vida.

Daí a capacidade do capital para mistificar mensagens de prazer. Mesmo revolucionários da lógica quantitativa são incapazes de compreender a fundo experiências de prazer. Às vezes, hesitantes, fazem aproximações insignificantes. Outras vezes, deixam-se ir com condenação, não muito diferente à do capital.

No espectáculo das mercadorias, são os bens que contam. O elemento activo desta massa acumulada é o traba-

Os revolucionários são gente devota. A revolução não.

## Eu chamo um gato um gato

Boileau

### II

Todos estamos preocupados com o problema revolucionário de como e o quê produzir, mas ninguém é capaz de dizer que produzir é um problema revolucionário. Se a produção está na raiz da exploração capitalista, mudar o modo de produção iria meramente mudar o modo de exploração.

Um gato, mesmo que o pintos de vermelho, continua a ser um gato.

O produtor é sagrado. Tira as mãos! Santifica o seu sacrifício em nome da revolução, e *les jeux son faits*.

“E o que é que iremos comer?” preocupam as pessoas preocupadas. “Pão e cordas de guitarra?”, dizem os realistas, com um olho no pote e o outro na pistola. “Ideias”, declaram os confusos idealistas, com um olho no livro dos sonhos e o outro na espécie humana. Alguém que toque na produtividade está feito.

O capitalismo e aquele/as que o combatem sentam-se lado a lado com o cadáver do produtor, mas a produção tem de continuar.

A crítica da economia política é uma racionalização do modo de produção com o mínimo esforço (por aquele/as que gozam dos benefícios de tudo). Todos os outros, aqueles que sofrem exploração, devem tomar o cuidado de ver se não falta nada. De outro modo, como viveríamos?

Quando sai para a claridade, o filho da escuridão nada vê, tal como quando andava às apalpadelas no escuro. O prazer cega-o. Fá-lo franzir-se. Por isso ele/a diz que é uma alucinação e condena o prazer.

mente. A “terra-mãe do socialismo” tem muito a ensinar neste campo.

O asilo é a perfeita racionalização terapêutica do tempo livre, a suspensão do trabalho sem dano para a estrutura mercantil. Falta de produtividade sem a sua negação. O louco não tem de trabalhar e ao o não fazer, ele confirma que o trabalho é sabedoria, o oposto à loucura.

Quando dizemos que a altura não é oportuna para um ataque armado ao Estado, estamos a escancarar as portas do asilo mental para os companheiros que estão a levar a cabo tais ataques; quando dizemos que não é altura para a revolução, estamos a apertar os fechos do colete-de-forças: quando dizemos que estas acções são objectivamente uma provocação, nós vestimos as batas brancas dos torturadores.

Quando o número de opositores era insignificante, as balas de canhão eram eficazes. Uma dúzia de mortos tolerase. Trinta mil, cem mil, duzentos mil, marcariam um ponto de viragem na história, um ponto de referência revolucionário, de tão cegante claridade que despedaçaria a pacífica harmonia do espectáculo mercantil. Além disso, o capital é mais habilidoso. As drogas têm uma neutralidade que as balas não possuem. Têm o álibi de serem terapêuticas.

Que o estatuto de loucura do capital lhe seja atirado à cara. A sociedade é um imenso asilo mental. Que as paredes das contra-prisões sejam deitadas abaixo.

A neutralização do indivíduo é prática corrente na totalidade reificada do capital. O alisar de opiniões é um processo terapêutico, uma máquina de morte. A produção não tem lugar sem este alisar na forma espectacular do capitalismo. E se a recusa de tudo isso, a escolha do prazer em frente à



ao lado de cada fábrica, em frente a cada escola, por detrás de cada pedaço de terra, no meio de cada conjunto de casas pré-fabricadas.

Na nossa obtusidade crítica temos de ter cuidado para não abrir caminho aos servos civis em batas brancas.

O capital está a programar um código de interpretação para circular em massa. Com base neste código, a opinião pública habituar-se-á a ver aquele que atacam a ordem patronal das coisas, ou seja, os revolucionários, como praticamente doidos. Daí a necessidade de os colocar longe, em asilos mentais. As prisões estão também a racionalizar, segundo o modelo alemão. Primeiro, transformar-se-ão em prisões especiais para revolucionários, depois em prisões modelo, depois em verdadeiros tubos de ensaio para manipulação cerebral, e finalmente, em asilos mentais.

O comportamento do capital não é somente ditado pela necessidade de se proteger das lutas dos explorados. Ele é ditado pela lógica do código da produção de mercadorias.

Para o capital, o asilo é um local onde a globalidade do funcionamento espectacular é interrompida. A prisão voa desesperadamente para fazer isto, mas sem sucesso, bloqueada como está pela sua ideologia básica de ortopedia social.

O “local” do asilo, pelo contrário, não tem um começo nem um fim, não tem história, não tem a mutabilidade do espectáculo. É o local do silêncio.

O outro “local” do silêncio, o cemitério, tem a capacidade de se fazer ouvir. Os mortos falam. E os nossos mortos falam bem alto. Podem ser penosos, muito penosos. É por isso que o capital tentará ter cada vez menos deles. E o número de “convidados” em asilos aumentará proporcional-

O flácido e gordo burguês aquece-se, sentado em opulenta ociosidade. Portanto o prazer é pecaminoso. Isso significaria partilhar as mesmas sensações que a burguesia e trair os do proletariado produtivo.

Nem por isso. O burguês vai muito longe para manter o processo de exploração em andamento. Também ele está stressado e nunca encontra tempo para o prazer. Os seus cruzeiros são ocasiões para novos investimentos, os seus amantes agentes infiltrados para obter informação sobre os concorrentes.

O deus da produtividade mata mesmo os seus discípulos mais fiéis. Arranca as suas cabeças, nada mais do que uma montanha de lixo se irá derramar.

O desgraçado esfomeado alberga sentimentos de vingança ao ver os ricos rodeados pelo seu servil séquito. Acima de tudo, o inimigo deve ser destruído. Mas salvem a pilhagem. A riqueza não deve ser destruída, deve ser usada. Não interessa o que é, que forma toma ou que perspectivas de aplicação permite. O que importa é arrancá-la de quem quer que a tenha na altura, para que toda a gente tenha acesso a ela.

Toda a gente? Claro, toda a gente.

E como irá isso acontecer?

Com violência revolucionária.

Boa resposta. Mas a sério, o que é que vamos fazer após cortarmos tantas cabeças que já estejamos fartos? O que é que vamos fazer quando já não houver mais proprietários de terras para serem encontrados, mesmo que vamos à sua procura com lanternas?

Então, será o reino da revolução. A cada um segundo as suas necessidades, de cada um/a segundo as suas possibili-

lidades. Presta atenção, companheiro. Sente-se aqui um cheiro a relatórios financeiros. Estamos a falar de consumo e produção. Ainda está tudo na dimensão da produtividade. A aritmética faz-te sentir seguro. Dois e dois faz quatro. Quem questionaria esta “verdade”? Os números comandam o mundo. Se o fizeram até agora, por que não hão-de continuar?

Todos nós precisamos de algo sólido e duradouro. Pedras para construir um muro para deter os impulsos que começam a chocar-nos. Todos nós precisamos de objectividade. O patrão jura com a carteira, o agricultor com a enxada, o revolucionário com a arma. Deixa entrar uns raios de criticismo e toda a estrutura cai por terra.

Na sua pesada objectividade, o mundo do dia-a-dia condiciona e reproduz-nos. Todos somos filhos da banalidade diária. Mesmo quando falamos sobre “coisas sérias” como a revolução, os nossos olhos continuam colados ao calendário. O patrão teme a revolução porque o iria privar da sua riqueza, o agricultor fá-la-á para obter um pedaço de terra, o revolucionário para testar a sua teoria.

Se o problema for visto nestes termos, não existe diferença entre carteira, terra e teoria revolucionária. Todos estes objectos são bastante imaginários, simples espelhos da ilusão humana.

Apenas a luta é real.

Ela distingue patrão de agricultor e estabelece a ligação entre este e o revolucionário.

As formas de organização que a produção toma são veículos ideológicos para esconder a ilusória identidade individual. Esta identidade é projectada no conceito económico ilusório “preço”. Um código estabelece a sua interpretação.

## **O mocho levanta voo**

Provérbio ateniense

**X**

“O mocho levanta voo”. Que as acções que começam mal possam chegar a bom termo. Que a revolução, começada por revolucionários há tanto tempo, possa ser realizada, ainda que haja um residual desejo por paz social.

O capital dará a última palavra aos das batas brancas. As prisões não durarão muito tempo. As fortalezas de um passado que sobrevive apenas nas fantasias de um/a ou outro velho reaccionário exaltado, desaparecerão juntamente com a ideologia baseada na ortopedia social. Não mais existirão condenados. A criminalização que o capital cria será racionalizada, será trabalhada em asilos.

Quando a totalidade da realidade é espectacular, recusar o espectáculo significa estar fora da realidade. Alguém que recuse o código das mercadorias é louco. A recusa de se curvar perante o deus mercantil resultará num internamento num asilo mental. Lá o tratamento será radical. Já sem torturas ao estilo da inquisição, ou sangue nas paredes; tais coisas transtornam a opinião pública. Fazem os sempre-correctos intervir, dão origem a justificações e a fazer emendas e perturbam a harmonia do espectáculo. A completa aniquilação da personalidade, considerada a única cura radical para mentes doentes, não transtorna ninguém. Desde que o humano na rua sinta que está rodeado pela imperturbável atmosfera do espectáculo capitalista, sentir-se-á a salvo das portas do asilo, sempre a fecharem-se com força na sua cara. O mundo da loucura parecer-lhe-á estar noutra qualquer, mesmo que haja sempre um asilo disponível

objectivo preciso, desprovido de realidade. E é assim porque a essência, os objectivos e a realidade do capital são ilusórios, enquanto a essência, os objectivos e a realidade da revolução são concretos.

O código da necessidade de comunismo toma o lugar do código da necessidade de produzir. Á luz desta necessidade, na comunidade do divertimento, as decisões da pessoa tornam-se significantes. A irreal personagem ilusória dos modelos da morte do passado é posta a descoberto. A destruição dos chefes significa a destruição das mercadorias, e a destruição das mercadorias significa a destruição dos chefes.

Os padrões controlam parte deste código, como vemos no consumismo. A tecnologia de guerrilha psicológica e de repressão total dá também o seu contributo para fortalecer a ideia de que produzir é a condição para se ser humano.

Outras partes do código podem ser modificadas. Não podem sofrer a mudança revolucionária mas são simplesmente ajustadas de tempos a tempos. Pensa, por exemplo, no consumismo em massa que substituiu o consumismo de luxo com o passar dos anos.

E depois também há formas mais refinadas, como o controlo auto-gestionado da produção. Outra componente do código de exploração. E por aí fora. Qualquer pessoa que decida organizar a minha vida por mim não pode nunca ser meu companheiro. Se tentarem justificar isso com a desculpa de que alguém tem de produzir, caso contrário todos perderíamos a nossa identidade como seres humanos e seríamos submetidos pela “natureza indisciplinada, selvagem”, nós respondemos que a relação humano-natureza é produto da iluminada burguesia marxista. Porque é que quiseram transformar uma espada num ancinho? Porque é que o humano tem constantemente de lutar para se distinguir da natureza?

**Humanos, se eles não conseguem alcançar o que é necessário, cansam-se com o que é inútil**

Goethe

**III**

O humano necessita de muitas coisas.

Esta alegação é normalmente usada para dizer que o humano tem necessidades que está obrigado a satisfazer.

Deste modo, as pessoas transformam-se de unidades historicamente determinadas em uma dualidade (meio e fim simultaneamente). Realizam-se através da satisfação das suas necessidades (i.e. através do trabalho), e portanto tornam-se o instrumento da sua própria realização.

Qualquer pessoa consegue ver quanta mitologia está disfarçada em alegações deste tipo. Se o humano se distingue da natureza pelo trabalho, como pode ela/e completar-se na satisfação das suas necessidades? Para o fazer, já se teria tornado humano, e portanto completado as suas necessidades, o que significa que não teria de trabalhar.

As mercadorias têm um conteúdo profundamente simbólico. Elas tornam-se uma referência, uma unidade de medida, um valor de troca. Começa o espectáculo. Os papéis são distribuídos e reproduzem-se a si mesmos até ao infinito. Os actores continuam a desempenhar as partes sem modificações particulares.

A satisfação das necessidades passa a ser nada mais do que um efeito reflexo, marginal. O que importa é a transformação das pessoas em “coisas”, seguidas de tudo o resto. A natureza torna-se uma “coisa”. Usada, ela é corrompida, assim como os instintos vitais do humano. Um abismo abre-se entre a natureza e o humano. Deve ser preenchido,

significado. Tudo se torna “sério”, logo, ilusório; o divertimento entra no domínio do espectacular e transforma-se numa mercadoria. O DIVERTIMENTO torna-se “máscara”. O indivíduo torna-se anónimo, vive o seu papel, não mais capaz de distinguir entre aparência e realidade.

De modo a libertarmos-nos do círculo mágico dos teatrais de mercadorias, nós temos de recusar todos os papéis, incluindo o do revolucionário “profissional”.

A luta armada não deve deixar tornar-se ela mesma algo profissional, especificamente, deve impedir a divisão de tarefas que o aspecto externo da produção capitalista lhe quer impor.

“Faz tu mesmo”. Não quebres o aspecto global do divertimento reduzindo-o a papéis. Defende o teu direito de gozar a vida. Obstrui o projecto de morte do capital. Este pode apenas entrar no mundo da criatividade e do divertimento transformando quem está a jogar num/a “jogador”, o criador vivo numa pessoa morta, que se engana a si mesma ao acreditar que está viva.

Não haveria mais sentido em falar sobre divertimento se o “mundo do divertimento” se tornasse centralizado. Devemos prever esta possibilidade de o capital tomar novamente a proposta revolucionária quando lançamos o nosso argumento de “prazer armado”. É uma maneira em que isto poderia acontecer seria através da gestão do mundo do divertimento desde o exterior. Através do estabelecer de papéis dos jogadores e da mitologia do brinquedo.

Ao quebrar os laços da centralização (do partido armado), obtém-se o resultado de confundir as ideias do capital, sintonizadas como estão para o código da produtividade espectacular do mercado quantitativo. Não é nada. Algo sem

perigoso reduzir uma complexa realidade a uma só coisa. Na verdade, o divertimento envolve este risco. Ele pode fazer da experiência de viver nada mais do que um brinque-do, tornando-a em algo mágico e absoluto. Não é por acaso que a metralhadora aparece no simbolismo de muitas organizações revolucionárias militantes.

Devemos ir além disto, de forma a perceber o prazer como a profunda significância da luta revolucionária, escapando às ilusões e armadilhas de parte do espectáculo mercantil, através de objectos míticos e mistificados.

O capital faz o seu derradeiro esforço quando confrontado com a luta armada. Empenha-se na sua última barreira. Precisa do apoio da opinião pública, de modo a actuar num campo onde não está muito seguro de si mesmo. E, por isso, desencadeia uma guerra psicológica, usando as mais refinadas armas de propaganda moderna.

Basicamente, o modo como o capital está fisicamente organizado no presente faz dele vulnerável a qualquer estrutura revolucionária que seja capaz de decidir os seus próprios *timings* e meios de ataque. Ele está bem consciente desta fraqueza e está a tomar medidas para a compensar. A polícia não é suficiente. Nem mesmo o exército. Isto requer uma vigilância constante por parte das próprias pessoas. Mesmo da mais humilde parte do proletariado. Assim, para fazer isto, ele tem de dividir a frente de classe. Ele tem de espalhar o mito do perigo das organizações armadas por entre os pobres; e, ao mesmo tempo, o mito da santidade do estado, da moralidade, da lei e por aí fora.

Indirectamente, o capital empurra estas organizações e os seus militantes para o assumir de papéis específicos. Uma vez neste “papel”, o divertimento deixa de ter qualquer

e a expansão do mercado está à espreita. O espectáculo está a expandir-se ao ponto de se devorar a si próprio ao mesmo tempo que às suas contradições. Palco e auditório entram na mesma dimensão, propondo-se a si mesmos para um nível mais elevado, mais distante, do mesmo espectáculo, e por aí adiante até ao infinito.

Quem escapa ao código das mercadorias não se torna objectivado e cai “fora” da área do espectáculo. Eles são apontados. Ele são rodeados por arame farpado. Se recusam ser englobados ou uma forma alternativa de codificação, são criminalizados. Eles estão claramente loucos! É proibido recusar o ilusório num mundo que baseou a realidade na ilusão, a concreção no irreal.

O capital gere o espectáculo de acordo com as leis da acumulação. Mas nada pode ser acumulado até ao infinito. Nem mesmo o capital. Um processo quantitativo em absoluto é uma ilusão, uma ilusão quantitativa, para ser preciso. Os padrões percebem isto perfeitamente. A exploração adopta diferentes formas e modelos ideológicos exactamente para assegurar esta acumulação em modos qualitativos, visto que não pode continuar no campo quantitativo indefinidamente.

O facto de que todo o processo se torna paradoxal e ilusório não interessa muito ao capital, porque é precisamente isso que segura as rédeas e faz as regras. Se tem de vender ilusão por realidade e isso gera dinheiro, então vamos lá prosseguir sem fazer demasiadas perguntas. São os explorados que pagam a factura. Por isso cabe a ele/as ver o engano e preocuparem-se acerca de reconhecerem a realidade. Para o capital as coisas estão bem como estão, mesmo estando elas construídas sobre o maior espectáculo de

magia do mundo.

Os explorados quase sentem nostalgia por este logro. Cresceram acostumados às suas correntes e passaram a estar ligados a elas. De vez em quando têm fantasias sobre fascinantes levantamentos e banhos de sangue, depois deixam-se levar pelos discursos dos novos líderes políticos. O partido revolucionário estende a perspectiva ilusória do capital até horizontes que este nunca poderia ter alcançado sozinho. A ilusão quantitativa espalha-se.

Os explorados aderem, contam-se a eles próprios, tiram as suas conclusões. Slogans ferozes fazem os corações burgueses falhar uma batida. Quanto maior o número, mais os líderes cabriolam arrogantemente e mais exigentes se tornam. Apresentam grandes programas para a conquista do poder. Este novo poder prepara-se para se espalhar sobre os restos do velho. A alma de Bonaparte sorri de satisfação.

Como é óbvio, as mudanças profundas estão a ser programadas no código das ilusões. Mas tudo deve ser submetido ao símbolo da acumulação quantitativa. As exigências da revolução aumentam à medida que as forças militantes crescem. Do mesmo modo a taxa do lucro social que está a tomar o lugar do lucro privado deve crescer. E então o capital entra numa nova, ilusória, fase espectacular. Velhas necessidades pressionam insistentemente sob novos rótulos. O deus da produtividade continua a comandar, sem rival.

Como é bom contarmo-nos. Faz-nos sentir fortes. Os sindicatos contam-se a si próprios. Os partidos contam-se a si próprios. Os patrões contam-se a si próprios. Assim como nós. Como pétalas de rosas.

E quando paramos de contar tentamos assegurar que as

nando o divertimento numa suspensão temporária das consequências negativas dos seus problemas individuais (os problemas do trabalho, da alienação, da exploração).

No acordo comunitário, o divertimento é enriquecido por um fluxo de acções recíprocas. A criatividade é maior quando advém de imaginações libertadas reciprocamente verificadas. Cada nova invenção, cada nova possibilidade, pode ser vivida colectivamente sem modelos pré-constituídos, e ter uma influência vital, mesmo sendo apenas um momento criativo, mesmo que se depare com mil dificuldades durante a sua realização. Uma tradicional organização revolucionária acaba por impor os seus técnicos. Tende inevitavelmente para a tecnocracia. A grande importância dada ao aspecto mecânico da acção condena-a ao longo deste caminho.

Uma estrutura revolucionária que procura o momento de prazer na acção levada a cabo com o objectivo de destruir o poder, considera as ferramentas usadas para alcançar esta destruição apenas isso, meios. Aqueles que usam estas ferramentas não devem tornar-se escravos delas. Assim como aquele/as que não as sabem usar não se devem tornar escravos dos que o sabem.

A ditadura da ferramenta é o pior tipo de ditadura.

As armas mais importantes dos revolucionários são a sua determinação, a sua consciência, a sua decisão de agir, a sua individualidade. As armas por si só são apenas ferramentas e, como tal, devem ser constantemente submetidas a avaliação crítica. É necessário desenvolver uma crítica das armas. Demasiadas vezes vimos a santificação da arma semi-automática e da eficiência militar.

A luta armada não envolve armas apenas. Estas por si só não conseguem representar a dimensão revolucionária. É

emergência. Pode até dar-se ao luxo de aceitar as contradições, de se focar em objectivos espectaculares, de explorar os efeitos negativos nos produtores de forma a alargar o espectáculo. O capital aceita o confronto no campo quantitativo, pois é aí que ele conhece todas as respostas. Tem um monopólio das regras e produz ele mesmo as soluções. Pelo contrário, o prazer do acto revolucionário é contagiante. Espalha-se como uma mancha de óleo. O divertimento ganha significado quando actua na realidade. Mas este significado não está cristalizado num modelo que o governa desde acima. Ele divide-se em milhares de significados, todos produtivos e instáveis. As ligações internas do divertimento descobrem-se a si mesmas na acção de ataque. Mas o sentido global mantém-se, o significado que o divertimento tem para aqueles que são excluídos e que querem apropriar-se dele. Aqueles que decidem, primeiro que tudo, divertir-se, e aqueles que “observam” as consequências libertadoras do jogo, são essenciais ao próprio jogo.

A comunidade do prazer está estruturada desta forma. É uma forma espontânea de entrar em contacto, fundamental para a realização do mais profundo significado do divertimento. O divertimento é um acto comunitário. Raramente se apresenta como um facto isolado. Se o faz, muitas vezes contém os elementos negativos da repressão psicológica; não é uma aceitação positiva do divertimento como momento de luta criativo.

É o sentido comunitário do divertimento que evita a arbitrariedade na escolha da significância dada ao próprio jogo. Na ausência de uma relação comunitária, a pessoa poderia impor as suas próprias regras e significados, que seriam incompreensíveis para todas as outras, simplesmente tor-

coisas ficam como estão. Se a mudança não puder ser evitada, iremos trazê-la sem perturbar ninguém. Os fantasmas são facilmente acordados.

De tempos a tempos a política toma a dianteira. O capital muitas vezes inventa soluções geniais. Então a paz social atinge-nos. O silêncio do cemitério. A ilusão espalha-se de tal maneira que o espectáculo absorve quase todas as forças disponíveis. Nem um som. Então os defeitos e a monotonia da *mise en scène* (preparação do cenário). A cortina ergue-se em situações imprevistas. A máquina capitalista começa a vacilar. O envolvimento revolucionário é redescoberto. Aconteceu em '68. Os olhos de todos quase saltaram das órbitas. Toda a gente extremamente feroz. Folhetos em todo o lado. Montanhas de folhetos e panfletos e jornais e livros. Velhas diferenças ideológicas alinhadas como soldados em lata. Até os anarquistas se redescobriram. E fizeram-no historicamente, de acordo com as necessidades do momento. Toda a gente estava com o espírito bastante estúpido. Os anarquistas também. Algumas pessoas acordaram do seu repouso espectacular e, procurando por espaço e ar para respirar, vendo anarquistas, disseram a si mesmas, “pelo menos estão aqui as pessoas com quem eu quero estar”. Cedo se aperceberam do seu erro. As coisas não correram como deviam também nessa direcção. Aí, também, estupidez e espectáculo. E por isso elas fugiram. Fecharam-se em si mesmas. Despedaçaram-se. Aceitaram o jogo do capital. E se não o aceitassem eram banidas, mesmo pelos anarquistas. A máquina de '68 produziu os melhores servos civis do Estado novo-tecnológico-sem-burocracia. Mas produziu também os seus anticorpos. O processo de ilusão quantitativa passou a ser evidente. Por um lado recebeu

sangue fresco para construir uma nova visão do espectáculo mercantil, por outro houve uma falha.

Tornou-se ruidosamente óbvio que o confronto ao nível da produção é ineficaz. Tomem as fábricas, e os campos, e as escolas, e os bairros e auto-gestionem-nos, proclamavam os antigos anarquistas revolucionários. Destruiremos o poder em todas as suas formas, acrescentaram. Mas sem chegar às raízes do problema. Embora conscientes da sua gravidade e extensão, preferiam ignorá-lo, soprando as suas esperanças na espontaneidade criativa da revolução. Mas entretanto queriam manter o controlo da produção. O que quer que aconteça, quaisquer que sejam as formas criativas que a revolução possa expressar, nós devemos tomar os meios de produção, insistiam eles. Caso contrário, o inimigo derrotar-nos-á a esse nível. Portanto começaram a aceitar todos os tipos de compromisso. Acabaram criando outro, ainda mais macabro, espectáculo.

E a ilusão espectacular tem as suas próprias regras. Qualquer pessoa que a queira dirigir tem de as suportar. Devem conhecer e aplicá-las, jurar por elas. A primeira é que a produção afecta tudo. Se tu não produzes não és humano, a revolução não é para ti. Por que devíamos nós tolerar parasitas? Devíamos ir nós para o trabalho em vez dele/as, talvez? Devíamos olhar para o seu modo de vida assim como para o nosso? Além disso, não iriam todas estas pessoas com ideias vagas e a reclamação de fazerem o que bem entenderem tornarem-se “objectivamente” úteis para a contra-revolução? Bem, nesse caso é melhor atacá-las imediatamente. Nós sabemos quem são os nossos aliados, quem queremos ao nosso lado. Se queremos assustar, então vamos fazê-lo todos juntos; organizados e em perfeita

## **Faz tu mesmo** Manual “Bricolceur”

### **IX**

É fácil. Podes fazer tu mesmo. Sozinho ou com alguns companheiros de confiança. Não são necessários meios complicados. Nem mesmo grande conhecimento técnico. O capital é vulnerável. Tudo o que precisas é de estar decidido.

Uma data de conversa tornou-nos obtusos. Não é uma questão de medo. Nós não estamos com medo, apenas estupidamente cheios de ideias pré-fabricadas, das quais não nos conseguimos libertar.

Alguém que esteja disposto a levar a cabo a sua acção não é uma pessoa corajosa. É simplesmente alguém que aclarou as suas ideias, que se apercebeu que não faz sentido fazer tamanho esforço para representar a parte que lhe foi incumbida pelo capital nesta performance. Completamente consciente, essa pessoa ataca com calma determinação. E, ao fazê-lo, realiza-se como ser humano. Mesmo que crie destruição e terror aos/às patrões/patroas, no seu coração e nos corações dos explorados existe prazer e calma.

As organizações revolucionárias têm dificuldade em perceber isto. Elas impõem um modelo que reproduz a realidade da produção. O destino quantitativo desta impede-as de obter qualquer movimento qualitativo para o nível da dimensão estética do prazer. Estas organizações vêem também o ataque armado de um ponto de vista puramente quantitativo. Os objectivos são decididos em termos de um confronto frontal.

Desse modo, o capital é capaz de controlar qualquer



atirar nos nossos companheiros ou uns nos outros, é sempre melhor alvejar polícias. Há alturas na história em que a ciência existe na consciência daqueles que estão em luta. Em tais alturas não há necessidade de intérpretes da verdade. Ela emerge das coisas como elas são. É a realidade da luta que produz teoria. O nascimento do mercado de bens marcou a formação do capital, a passagem de formas feudais de produção para a capitalista. Com a entrada da produção na sua fase espectacular, a forma de mercadoria estendeu-se a tudo o que existe: amor, ciência, sentimentos, consciência, etc.

O espectáculo alargou-se. A segunda fase não constitui, como defendem os marxistas, uma corrupção da primeira. Ela é uma fase completamente nova. O capital devora tudo, até a revolução. Se esta não rompe com o modelo da produção, se meramente reclama impor formas alternativas, o capitalismo engoli-la-á dentro do espectáculo mercantil.

Apenas a luta não pode ser engolida. Algumas das suas formas, cristalizando-se em entidades organizacionais específicas, podem acabar sendo arrastadas para o espectáculo. Mas quando elas rompem e saem da significância profunda que o capital dá à produção, isso torna-se extremamente difícil.

Na segunda fase, questões de aritmética e vingança não fazem sentido. Se forem mencionadas, tomam uma significância metafórica.

O jogo ilusório do capital (o espectáculo mercantil) deve ser substituído pelo jogo verdadeiro do ataque armado contra ele, pela destruição do irreal e do espectáculo.

ordem; e que ninguém ponha os pés em cima da mesa ou deixe as calças em baixo.

Vamos organizar as nossas organizações específicas. Treinar militantes que sabem as técnicas de luta no lugar de produção. Os produtores farão a revolução, nós apenas estaremos lá para nos certificarmos que não fazem nenhum disparate.

Não, está tudo errado. Como seremos nós capazes de evitar que cometam erros? No nível espectacular de organização há alguns capazes de fazer bem mais barulho do que nós. E eles têm de poupar fôlego. Luta no local de trabalho. Luta pela defesa de empregos. Luta pela produção.

Quando sairemos nós deste círculo? Quando pararemos nós de morder as nossas caudas?

**O humano desfigurado encontra sempre espelhos  
que o fazem perfeito**

de Sade

**IV**

Que loucura é o amor ao trabalho!

Com grande habilidade cénica, o capital teve sucesso em fazer os explorados amar a exploração, o enforcado a corda e o escravo as suas correntes.

Esta idealização do trabalho tem sido a morte da revolução até agora. O movimento dos explorados tem sido corrompido pela burguesa moralidade da produção, a qual não só lhe é estranha, mas também oposta. Não é por acaso que os sindicatos tenham sido o primeiro sector a ser corrompido, precisamente devido à sua proximidade à gestão do espectáculo da produção. É tempo de opor a estética do não-trabalho à ética do trabalho.

Devemos fazer frente à satisfação das necessidades espectaculares impostas pela sociedade de consumo com a satisfação das necessidades naturais da pessoa, vistas à luz daquela necessidade primária e essencial: a necessidade de comunismo.

Deste modo a avaliação quantitativa das necessidades é deitada abaixo. A necessidade de comunismo transforma todas as outras necessidades e respectivas pressões no humano.

A pobreza da pessoa, a consequência da exploração, tem sido vista como a base da redenção futura. O cristianismo e os movimentos evolucionários têm andado de mãos dadas através da história. Devemos sofrer para conquistar o paraíso ou para adquirir a consciência de classe que nos

horror com horror, a tragédia com tragédia, a morte com morte. É uma confrontação entre prazer e horror, prazer e tragédia, prazer e morte.

Para matar um polícia não é necessário vestir as vestes do juiz, apressadamente purificadas do sangue de condenações prévias. Tribunais e condenações são sempre partes do espectáculo do capital, mesmo quando são revolucionários que as desempenham. Quando um polícia é morto, a sua responsabilidade não é medida nas escalas, o confronto não se torna uma questão de aritmética. Não se está a programar uma visão da relação entre movimento revolucionário e exploradores. Está-se a responder, no nível imediato, a uma necessidade que se tornou estruturada no seio do movimento revolucionário, uma necessidade que nenhuma análise e justificação deste mundo teria tido sucesso em impor por si só. Esta necessidade é o ataque ao inimigo, aos exploradores e aos seus servos. Amadurece lentamente dentro das estruturas do movimento. Apenas quando sai cá para fora é que o movimento passa da fase defensiva para o ataque. Análise e justificação moral estão rio acima, na fonte, e não rio abaixo, aos pés daquele/as que saem às ruas, balanceadas para faze-los tropeçar. Análise e justificação moral existem nos séculos de violência sistemática que o capital tem exercido nos explorados. Mas não saltam necessariamente à vista, numa forma completa e pronta a usar. Isso seria uma nova racionalização de intenções, o nosso sonho de impor um modelo na realidade que não lhe pertence.

Vamos fazer estes Cossacos virem abaixo. Nós não apoiamos o papel da reacção, isso não é para nós. Recusamo-nos a aceitar o convite ambíguo do capital. Em vez de

**Não haverá revolução até que os Cossacos desçam  
à terra.**

Coeurderoy

**VIII**

O divertimento é também enigmático e contraditório na lógica do capital, que o usa como parte do espectáculo mercantil. Adquire uma ambiguidade que não possui em si mesmo. Esta ambiguidade advém da estrutura ilusória da produção capitalista. Deste modo, o jogo torna-se simplesmente uma suspensão da produção, um parêntesis de “paz” no quotidiano. Assim, o divertimento torna-se programado e usado em cena.

Quando está fora do domínio do capital, o divertimento é harmoniosamente estruturado pelo seu próprio impulso criativo; não está ligado a esta ou aquela performance requerida pelas forças do mundo da produção, desenvolve-se autonomamente. É apenas nesta realidade que o divertimento é alegre, que oferece prazer. Não “suspende” a infelicidade da dilaceração causada pela exploração, mas realiza-o até ao fim, fazendo-o tornar-se um participante na realidade da vida. Deste modo, ele opõe-se às artimanhas colocadas em acto pela realidade da morte – mesmo através do divertimento – para tornar a obscuridade menos obscura.

Os destruidores da realidade da morte estão a lutar contra o reinado mítico da ilusão capitalista, um reinado que embora aspire à eternidade, rebola na poeira das contingências. O prazer emerge do divertimento da acção destrutiva, do reconhecimento da profunda tragédia que isto implica e de uma consciência da força de entusiasmo, capaz de matar as conspirações da morte. Não é uma questão de opor o

conduzirá à revolução. Sem a ética do trabalho, a noção marxista de “proletariado” não faria sentido. Mas a ética do trabalho é produto do mesmo racionalismo burguês que permitiu à burguesia conquistar poder.

O corporativismo vem à superfície através da armadilha do internacionalismo proletário. Toda a gente se bate dentro do seu sector. No máximo contactam os seus semelhantes noutros países, através dos sindicatos. As monolíticas multinacionais são opostas por monolíticos sindicatos internacionais. Vamos lá fazer a revolução mas salvem a máquina, a ferramenta de trabalho, esse objecto mítico que reproduz a histórica virtude da burguesia, agora nas mãos do proletariado.

O herdeiro da revolução está destinado a tornar-se o consumidor e actor principal do espectáculo capitalista do amanhã. Idealizada ao nível do conflito como beneficiária do seu resultado, a classe revolucionária desaparece na idealização da produção. Quando os explorados se vêm fechados numa classe, todos os elementos do espectacular já existem, tal como existem para a classe dos exploradores.

A única maneira de os explorados escaparem ao projecto globalizador do capital é através da recusa do trabalho, da produção e da economia política.

Mas recusa do trabalho não deve ser confundida com “falta de trabalho”, numa sociedade que está baseada nesta. Os marginalizados procuram trabalho. Não o encontram. São empurrados para guetos. São criminalizados. Então tudo isso se torna parte da gestão do espectáculo produtivo como um todo. Produtores e desempregados são igualmente indispensáveis ao capital. Mas o equilíbrio é delicado. As contradições explodem e produzem vários tipos de crise, e é

neste contexto que a intervenção revolucionária toma lugar.

Assim, a recusa do trabalho, a destruição do trabalho, é uma afirmação da necessidade de não-trabalho. A afirmação de que a pessoa se consegue reproduzir e objectivar a si própria no não-trabalho através das várias solicitações que isto lhe estimula. A ideia de destruir o trabalho é absurda se for vista do ponto de vista da ética do trabalho. Mas como? Tantas pessoas à procura de trabalho, tantos desempregados, e vens-me falar de destruir o trabalho? O fantasma Lud-dita aparece e aterroriza todos os revolucionários-que-leram-todos-os-clássicos. O rígido modelo do ataque frontal às forças capitalistas não deve ser tocado. Todos os falhanços e sofrimento do passado são irrelevantes; assim, é a vergonha e a traição. Em frente companheiros, melhores dias virão, em diante outra vez!

Seria suficiente mostrar que o conceito de “tempo livre”, uma suspensão temporária do trabalho, está enterrado hoje em dia, para assustar de volta os proletários para a atmosfera estagnante das organizações de classe (partidos, sindicatos e lambe-botas). O espectáculo oferecido pelas burocráticas organizações de descanso é deliberadamente desenhado para deprimir mesmo as mais férteis imaginações. Mas isto não é mais do que uma capa ideológica; um dos muitos instrumentos da guerra total que constituem o espectáculo num todo.

A necessidade de comunismo transforma tudo. Através da necessidade de comunismo a necessidade de não-trabalho move-se do aspecto negativo (oposição ao trabalho) para o positivo: a completa disponibilidade das pessoas para si próprias, a possibilidade de se expressarem de modo absolutamente livre; soltando-se de todos os modelos, mes-

convença que não vale a pena dizer não, que é loucura, e que devias aceitar a hospitalidade do asilo mental.

Despacha-te a atacar o capital, antes que uma nova ideologia o torne sagrado para ti.

Despacha-te a recusar o trabalho, antes que algum novo sofista te diga novamente que “o trabalho liberta”.

Despacha-te a divertir-te. Despacha-te a armar-te.

mínima orientação estratégica necessária. Sem rendilhados, sem longas premissas analíticas, sem complexas teorias de suporte. Elas atacam. Companheiros identificam-se com estas estruturas. Rejeitam as organizações que dão poder, equilíbrio, espera, morte. A sua acção é uma crítica das suicidas posições de esperar-para-ver destas organizações. Maldição! Deve ter havido uma provocação.

Há uma fuga dos tradicionais modelos políticos que se torna uma crítica do próprio movimento. A ironia torna-se uma arma. Não encerrada num estudo de um escritor; mas em massa, nas ruas. Não apenas os servos dos patrões, mas também os líderes revolucionários se encontram em dificuldades, como resultado disso. A mentalidade do desnecessário chefe e grupo de liderança é também posta em crise. Maldição! A única crítica legítima é aquela contra os patrões, e deve concordar com as regras ditadas pela tradição histórica da luta de classes. Quem quer que se desenquine do seminário é um provocador.

As pessoas estão fartas de reuniões, das marchas clássicas, sem sentido, de discussões teóricas que metem os cabelos em pé, de distinções sem fim, da monotonia e pobreza de certas análises políticas. Elas preferem fazer amor, fumar, ouvir música, passear, dormir, rir, brincar, matar polícias, estropiar jornalistas, matar juízes, explodir quartéis. Maldição! A luta só é legítima quando é compreensível para os líderes da revolução. Senão, havendo o risco de que a situação possa fugir ao seu controlo, deve ter havido uma provocação.

Depressa, companheiro, alveja o polícia, o juiz, o patrão. Agora; antes que uma nova polícia te impeça.

Despacha-te a dizer Não, antes que a nova repressão te

mo aqueles considerados fundamentais e indispensáveis como os da produção.

Mas os revolucionários são pessoas obedientes e têm medo de romper com todos os modelos, incluindo o da revolução, que constitui um obstáculo à completa realização do que o conceito significa. Têm medo de se encontrarem sem um papel na vida. Alguma vez conhecestes um revolucionário sem um projecto revolucionário? Um projecto que está bem definido e claramente apresentado às massas? Que tipo de revolucionário seria aquele que exigisse a destruição do modelo, do embrulho, dos próprios princípios da revolução? Ao atacar conceitos como quantificação, classe, projecto, modelo, papel histórico e outras coisas velhas desse tipo, correria o risco de não ter nada para fazer, de se ver obrigado a agir na realidade, modestamente, como toda a gente. Como milhões de outros que estão a construir a revolução dia a dia sem esperarem por sinais de um prazo limite. E para fazer isto tu precisas de coragem.

Com modelos rígidos e joguinhos quantitativos permaneces no domínio do irreal, do projecto ilusório da revolução, uma amplificação do espectáculo do capital.

Ao abolires a ética da produção entras directamente na realidade revolucionária.

Até falar sobre estas coisas é difícil, pois não faz sentido mencioná-las nas páginas de uma dissertação. Reduzir estes problemas a uma análise final e completa seria errar o alvo. O melhor seria uma discussão informal capaz de fomentar a subtil magia do jogo de palavras.

É uma verdadeira contradição falar de prazer seriamente.

**As noites de verão são árduas. Dorme-se mal em  
quartos pequenos.  
É a Noite da Guilhotina.**

Zo d'Axa

**V**

Os explorados também encontram tempo para se divertirem. Mas o seu divertimento não é prazer. É um ritual macabro. Uma morte lenta. Uma suspensão do trabalho com o objectivo de aliviar a pressão da violência acumulada durante a actividade de produção. No mundo ilusório das mercadorias, o divertimento é também uma ilusão. Imaginamos que estamos a brincar, quando tudo o que estamos realmente a fazer é repetir monotonamente os papéis que nos foram atribuídos pelo capital.

Quando ficamos conscientes do processo de exploração, a primeira coisa que sentimos é um desejo de vingança, a última é prazer. A libertação é vista como a reposição de um equilíbrio que tinha sido abalado pela perversidade do capitalismo, não como a vinda de um mundo de divertimento que vem ocupar o lugar do mundo de trabalho.

Esta é a primeira fase do ataque aos chefes. A fase de consciência imediata. O que nos fere são as correntes, o chicote, os muros das prisões, as barreiras sexuais e raciais. Tudo deve vir abaixo. Assim, armamo-nos e ferimos o adversário, para o fazer pagar pela sua responsabilidade.

Durante a noite da guilhotina as bases para um novo espectáculo são colocadas. O capital recupera força: primeiro as cabeças dos chefes caem, depois as dos revolucionários.

É impossível fazer a revolução apenas com a guilhotina.

tas. Esta cultura baseia-se na ideia de que a história é irreversível, assim como na da capacidade analítica da ciência. Tudo isto nos faz ver o presente como a altura em que todos os esforços do passado encontram o ponto culminante da luta contra os poderes das trevas (a exploração capitalista). Consequentemente, estamos convencidos que somos mais avançados que os nossos antecessores, capazes de elaborar e colocar em prática teorias e estratégias organizacionais que são a soma de todas as experiências do passado. Todos os que rejeitam esta interpretação encontram-se automaticamente do outro lado da realidade, que é, por definição, história, progresso, e ciência. Quem quer que recuse tal realidade é anti-histórico, anti-progressista e anti-científico. Condenado sem direito a recurso.

Fortalecidos por esta armadura ideológica, vamos para as ruas. Aqui lançamo-nos na realidade de uma luta que está estruturada de maneira bem diferente, por estímulos que não entram no quadro da nossa análise. Numa bela manhã, durante uma manifestação pacífica, a polícia começa a disparar. A estrutura reage, companheiros disparam também, polícias caem. Maldição! Era uma manifestação pacífica. Para que tivesse degenerado em acções individuais de guerrilha tem de ter havido uma provocação. Nada pode ir além do perfeito quadro da nossa organização ideológica pois ela não é apenas uma “parte” da realidade, ela é “toda” a realidade. Qualquer coisa para além dela é loucura e provocação. Supermercados são destruídos, lojas, armazéns de comida e de armas são pilhados, carros de luxo são queimados. É um ataque ao espectáculo mercantil na sua mais conspícua forma. As novas estruturas estão a mover-se nessa direcção. Tomam forma de repente, apenas com a

riando a ética do trabalho, transformando-a no aqui e do agora no prazer em realização, damos por nós numa estrutura que está longe das formas históricas de organização.

Esta estrutura muda constantemente e, portanto, escapa à cristalização. É caracterizada pela auto-organização da luta contra o trabalho. Não a tomada dos meios de produção, mas a recusa da produção, através de formas organizacionais que estão constantemente a mudar.

O mesmo está a acontecer com os desempregados e os trabalhadores casuais. Estimuladas pelo tédio e pela alienação, estruturas emergem na base da auto-organização. A introdução de objectivos programados e impostos por uma organização exterior iria matar o movimento e consigné-lo ao espectáculo mercantil.

A maior parte de nós está ligada a esta ideia de organização revolucionária. Mesmo os anarquistas, que recusam a organização autoritária, não a desprezam. Nesta base, todos aceitamos a ideia de que a contraditória realidade do capital pode ser atacada com meios semelhantes. Fazemo-lo porque estamos convencidos que estes meios são legítimos, surgindo do mesmo campo de luta que o capital. Recusamos a admitir que nem toda a gente vê as coisas da mesma maneira que nós. A nossa teoria é idêntica à prática e estratégia das nossas organizações.

As diferenças entre os autoritários e nós são muitas; mas todas elas caem perante uma fé comum na organização histórica. A anarquia será alcançada através do trabalho destas organizações (diferenças substanciais apenas aparecem nos métodos de abordagem). Mas esta fé indica algo muito importante: a reivindicação da nossa cultura totalmente racionalista de explicar a realidade em termos progressis-

A vingança é a antecâmara do poder. Qualquer pessoa que se queira vingar requer um/a líder. Um/a líder que os conduza à vitória e reponha a justiça ferida. E quem quer que seja que grite por vingança quer ficar na posse daquilo que lhe foi retirado. Direitos à abstracção suprema, a apropriação dos excedentes. O mundo do futuro deve ser um em que toda a gente trabalhe. Ótimo! Assim teremos imposto a escravatura a toda a gente, com a excepção daqueles que a fazem funcionar e que, precisamente por isso, se tornam os novos patrões.

Aconteça o que acontecer, os chefes devem “pagar” pelos seus erros. Muito bem! “Carregaremos” a ética Cristã do pecado, julgamento e correcção para a revolução. Assim como os conceitos de “dívida” e “pagamento”, claramente de origens mercantis.

Tudo isso é parte do espectáculo. Mesmo quando ele não é gerido pelo poder directamente, pode facilmente ser açambarcado. A inversão de papéis é uma das técnicas de teatro.

Talvez seja necessário atacar usando as armas da vingança e castigo num dado momento na luta de classes. O movimento pode não possuir quaisquer outras. Deste modo esse será o momento da guilhotina. Mas os revolucionários devem estar conscientes das limitações de tais armas. Não se devem iludir a si mesmos nem a outros.

Dentro do quadro paranóico de uma máquina racionalizadora como o capitalismo, o conceito da revolução da vingança pode até tornar-se parte do espectáculo, visto que ele se adapta constantemente. O movimento de produção parece aparecer graças à bênção da ciência económica, mas na realidade é baseado na antropologia ilusória da separação

de tarefas.

Não há prazer no trabalho, mesmo que ele seja autogestionado. A revolução não pode ser reduzida a uma simples reorganização do trabalho. Não somente a isso. Não há prazer no sacrifício, na morte e na vingança. Tal como não há prazer em nos contarmos. A aritmética é a negação do prazer.

Qualquer pessoa que deseje viver não produz morte. Uma aceitação provisória da guilhotina conduz à sua institucionalização. Mas ao mesmo tempo, qualquer pessoa que ame a vida não abraça o seu explorador. Fazê-lo significaria que é contra a vida em benefício do sacrifício, da autopunição, do trabalho e da morte.

No cemitério do trabalho, séculos de exploração acumularam uma grande montanha de vingança. Os líderes da revolução sentam-se no topo desta montanha, impassivelmente. Estudam a melhor maneira de obter lucro dela. Assim, a espada da vingança deve ser direccionada contra os interesses da nova casta no poder. Símbolos e bandeiras. Slogans e análises complicadas. O aparato ideológico faz tudo o que é necessário.

É a ética do trabalho que torna isto possível. Alguém que se delicia no trabalho e queira tomar os meios de produção não quer que as coisas vão em frente cegamente. Eles sabem por experiência que os patrões tiveram uma forte organização do seu lado de modo a fazer a exploração funcionar. Eles pensam que uma semelhante forte e perfeita organização fará a libertação possível. Faz tudo ao teu alcance; a produtividade deve ser salva a todo o custo.

Que embuste. A ética do trabalho é a ética Cristã do sacrifício, a ética dos patroas/patrões graças à qual os mas-

frente, que extraordinário fim incerto.

Só que é difícil entrar nos mecanismos do capital alegremente, com os símbolos da vida. A luta armada é muitas vezes um símbolo de morte. Não porque traz a morte aos chefes e aos seus servos, mas porque quer impor as estruturas do domínio da própria morte. Concebida de outro modo, ela seria realmente prazer em acção, capaz de quebrar as condições estruturais impostas pelo espectáculo mercantil, tais como o partido militar, a conquista do poder, a vanguarda.

Este é a outra inimiga do movimento revolucionário. A incompreensão. A recusa de ver as novas condições do conflito. A insistência em impor modelos do passado que se tornaram hoje parte do espectáculo mercantil.

A ignorância da nova realidade revolucionária está a conduzir a uma falta de consciência teórica e estratégica da capacidade revolucionária do próprio movimento. E não basta dizer que há inimigos tão à mão que é indispensável intervir imediatamente, sem olhar a questões de natureza teórica. Tudo isto esconde a incapacidade de encarar a nova realidade do movimento e de evitar os erros do passado, que têm sérias consequências no presente. E esta recusa fomenta todos os tipos de ilusões políticas racionalistas.

Categorias como vingança, líderes, partidos, a vanguarda, crescimento quantitativo, apenas significam algo na dimensão desta sociedade, e tal significado favorece a perpetuação do poder. Quando olhas para as coisas de um ponto de vista revolucionário, isto é, a completa e definitiva eliminação de todo o poder, estas categorias perdem o sentido.

Ao movermo-nos para parte alguma da utopia, contra-



sombrio e fúnebre, tudo é sério e ordeiro, tudo é racional e programado, precisamente porque tudo é falso e ilusório.

Para lá das crises, para lá de outros problemas de subdesenvolvimento, para lá da pobreza e da fome, a última batalha para a qual o capital terá de estar preparado, aquela decisiva, é a batalha contra o tédio.

O movimento revolucionário terá também de lutar as suas batalhas. Não apenas as tradicionais contra o capital, mas algumas novas, contra si mesmo. O tédio está a atacá-lo desde dentro, causando a sua deterioração, fazendo-o asfixiante, inabitável.

Vamos deixar aqueles que gostam do espectáculo do capitalismo sozinhos. Os que estão bastante satisfeitos por representar as suas partes até ao fim. Estas pessoas pensam que as reformas podem realmente mudar as coisas. Mas isto é mais uma capa ideológica do que outra coisa. Ele/as sabem demasiado bem que mudar bocados é uma das regras do sistema. É útil ao capital ter as coisas arranjadas um pouco de cada vez.

Assim, existe o movimento revolucionário, onde não faltam aqueles que atacam o poder do capital verbalmente. Estas pessoas geram uma enorme confusão. Aparecem com grandes declarações mas já não impressionam ninguém, muito menos o capital, que, com astúcia, os usa para a parte mais delicada do seu espectáculo. Quando precisa de um solista, coloca um destes intérpretes em palco. O resultado é lastimável. A verdade é que o mecanismo espectacular das mercadorias tem de ser quebrado através da entrada no domínio do capital, nos seus centros de comando, direito ao próprio núcleo de produção. Imagina que maravilhosa explosão de prazer, que grandioso salto para a

sacres da história se sucederam uns aos outros com preocupante regularidade.

Esta gente não consegue compreender que seria possível não produzir excedentes, e que uma pessoa se podia também recusar a fazê-lo. Que é possível defender a vontade de alguém para não produzir, e assim lutando contra ambas as estruturas económica e ideológica dos patrões, que penetram a totalidade do pensamento ocidental.

É essencial perceber que a ética do trabalho é a base do projecto revolucionário quantitativo. Argumentos contra o trabalho não fariam sentido se fossem feitos por organizações revolucionárias com a sua lógica de crescimento quantitativo.

A substituição da ética do trabalho pela estética do prazer não significaria um fim da vida, como tantos preocupados companheiros a vêem. À pergunta “o que vamos nós comer?” poderíamos simplesmente responder “o que produzimos”. Só que a produção não mais seria a dimensão na qual o humano se determina, pois isso aconteceria na esfera do divertimento e do prazer. Uma pessoa poderia produzir como algo separado da natureza, e então juntarmo-nos a ela como algo que é a natureza em si mesmo. Portanto, seria possível parar a produção a qualquer momento, quando já houvesse o suficiente. Apenas o prazer será incontrolável. Uma força desconhecida das larvas civilizadas que povoam a nossa era. Uma força que irá multiplicar o impulso criativo da revolução um milhar de vezes.

A riqueza social do mundo comunista não é medida numa acumulação de excedentes, mesmo que passe a ser gerida por uma minoria que se auto-denomina o partido do proletariado. Esta situação reproduz o poder e nega a pró-

pria essência de anarquia. A riqueza social comunista advém do potencial de vida que aparece após a revolução.

A acumulação qualitativa, não quantitativa, deve substituir a acumulação capitalista. A revolução da vida toma o lugar da revolução meramente económica, o potencial produtivo toma o lugar da produção cristalizada, o prazer toma o lugar do espectáculo.

A recusa do mercado espectacular de ilusões capitalistas criará outro tipo de troca. De uma troca quantitativa fictícia a uma realmente qualitativa. A circulação de bens não se irá basear em objectos nem na sua ilusionista reificação, mas no significado que os objectos têm para a vida. E este deve ser um significado de vida, não de morte. Assim, estes objectos serão limitados ao preciso momento em que são trocados, e a sua significação irá variar de acordo com as situações em que isto toma lugar.

O mesmo objecto poderia ter “valores” profundamente diferentes. Será personificado. Nada a ver com a produção como a conhecemos hoje, na dimensão do capital. A própria troca terá um significado diferente quando for vista através da recusa de produção ilimitada.

O trabalho libertado não existe. O trabalho integrado (manual-intelectual) não existe. O que existe é a divisão do trabalho e a venda da força de trabalho, i.e., o mundo capitalista da produção. A revolução é a negação do trabalho e a afirmação do prazer. Qualquer tentativa de imposição da ideia de trabalho, de “trabalho justo”, de trabalho sem exploração, de trabalho “auto-gestionado”, onde é suposto os explorados re-apropriarem-se do total do processo produtivo sem exploração, é uma mistificação.

O conceito da auto-gestão da produção é válido apenas

**A vida é tão aborrecida que não há nada para fazer, a não ser gastar todo o nosso salário na última saia ou camisa. Irmãos e irmãs, quais são os vossos verdadeiros desejos? Sentarem-se no bar, com olhar distante, vazios, aborrecidos, a beber um café sem sabor? Ou talvez EXPLODIR TUDO OU PEGAR-LHE FOGO?**

The Angry Brigade

## VII

O grande espectáculo do capital engoliu-nos a todos até ao pescoço. Actores e espectadores à vez. Alternamos os papéis, quer seja especados de boca aberta a olhar para os outros ou fazendo os outros ficarem especados a olhar para nós. Desmontámos do coche de vidro, mesmo sabendo que é apenas uma abóbora. O feitiço da fada madrinha iludiu a nossa consciência crítica. Agora temos de jogar o jogo. Até à meia-noite, pelo menos.

A pobreza e a fome continuam a ser a forças motrizes da revolução. Mas o capital está a expandir o espectáculo. Quer novos actores em palco. O maior espectáculo do mundo continuará a surpreender-nos. Cada vez mais complexo, melhor e mais bem organizado. Novos palhaços se preparam para subir à tribuna. Novas espécies de bestas selvagens serão domesticadas.

Os apoiantes da quantidade, amantes da aritmética, serão os primeiros e ficarão cegos pelas luzes da ribalta, arrastando as massas da necessidade e as ideologias da salvação logo a seguir a elas.

Mas uma coisa de que não se conseguirão livrar é da sua seriedade. O maior perigo que enfrentam será uma gargalhada. No espectáculo do capital, o prazer é fatal. Tudo é

obsessão com o “fazer”, todos escondem uma grande ilusão: o vazio total do espectáculo mercantil, a inutilidade da acumulação indefinida e o absurdo da exploração. Assim, a grande seriedade do mundo do trabalho e da produtividade esconde uma completa falta de seriedade.

Por outro lado, a recusa deste mundo estúpido, a perseguição do prazer, dos sonhos, da utopia, na sua declarada “falta de seriedade”, oculta a mais séria coisa na vida: a recusa da morte.

Na confrontação física com o capital, o divertimento toma diferentes formas, mesmo deste lado da cerca. Muitas coisas podem ser feitas “divertidamente”, ainda que a maioria das coisas que fazemos, fazemo-las muito “seriamente”, usando a máscara da morte que pedimos emprestada ao capital. O divertimento é caracterizado por um impulso vital que é sempre novo, que está sempre em movimento. Agindo como se estivéssemos a brincar, carregamos a nossa acção com este impulso. Libertamo-nos da morte. O divertimento faz-nos sentir vivos. Dá-nos a excitação da vida. No outro modelo de actuação fazemos tudo como se fosse um dever, como se “tivéssemos” de o fazer.

É na sempre nova excitação do divertimento, totalmente o oposto à alienação e loucura do capital, que somos capazes de identificar o prazer. Aqui reside a possibilidade de quebrar com o velho mundo e de nos identificarmos com novos objectivos e outros valores e necessidades. Mesmo que o prazer não possa ser considerado o objectivo do ser humano, ele é, indubitavelmente, a dimensão privilegiada que torna diferente o confronto com o capital, quando perseguido deliberadamente.

como forma de luta contra o capitalismo, na verdade não pode ser separado da ideia de auto-gestão da luta. Se a luta for extinta, a auto-gestão torna-se nada mais do que a auto-gestão da exploração pessoal. Se a luta for vitoriosa, a auto-gestão da produção torna-se supérflua, pois após a revolução a organização da produção é supérflua e contra-revolucionária.

**Enquanto fores tu próprio a fazer o lançamento, tudo é habilidade e fácil de ganhar; só se de repente te tornas o que apanha a bola que o eterna colega arremessa, para o teu centro, com toda a sua força, num daqueles arcos de grandiosos e divinos construtores de pontes: apenas aí a capacidade de ganhar força é não tua, mas de um mundo.**

Rilke

## VI

Todos acreditamos que já experienciámos prazer. Cada um de nós acredita que já fomos felizes pelo menos uma vez nas nossas vidas. Só que esta experiência de prazer foi sempre passiva. Acontece-nos divertirmo-nos. Não conseguimos “desejar” o prazer, da mesma maneira que não podemos obrigar o prazer a aparecer, quando queremos que o faça.

Toda esta separação entre nós e o prazer depende de estarmos “separados” de nós mesmas, divididas em dois pelo processo de exploração.

Trabalhamos o ano inteiro para termos o “prazer” das férias. Quando estas chegam sentimo-nos “obrigados” a “desfrutar” do facto de estarmos de férias. Uma forma de tortura como outra qualquer. O mesmo acontece para os Domingos. Um dia terrível. A rarefacção da ilusão de tempo livre demonstra o vazio do espectáculo mercantil em que vivemos.

O mesmo olhar vidrado e sem vida fita o copo meio vazio, o écran de televisão, o jogo de futebol, a dose de heroína, o écran de cinema, as filas de trânsito, os néons, as casas pré-fabricadas que completaram a matança da paisa-

gem.

Procurar “prazer” nas profundezas de qualquer uma das representações do espectáculo capitalista seria pura loucura. Mas isso é precisamente o que o capital quer. A experiência de tempo livre programada pelos nossos exploradores é mortal. Faz-te querer ir trabalhar. À vida aparente uma pessoa acaba por preferir a morte certa.

Nenhum verdadeiro prazer chega até nós a partir do mecanismo racional de exploração capitalista. O prazer não tem regras fixas que o cataloguem. Mesmo assim, devemos ser capazes de desejar prazer. De outro modo estaríamos perdidos.

A procura do prazer é, portanto, um acto de vontade, uma recusa firme das condições fixas do capital e dos seus valores. A primeira destas recusas é a do trabalho como um valor. A procura do prazer pode chegar apenas através da procura do divertimento.

Assim, o divertimento significa algo diferente do que estamos habituados a considerá-lo ser na dimensão do capital. Como tranquila ociosidade, o divertimento que se opõe às responsabilidades da vida é uma imagem artificial, distorcida, do que ele realmente é. No actual estado do conflito e das constricções relativas na luta contra o capital, o divertimento não é um “passatempo”, mas uma arma.

Por um golpe de ironia, os papéis estão invertidos. Se a vida é algo sério, a morte é uma ilusão, no sentido de que, enquanto estamos vivos, a morte não existe. Agora, o reino da morte, ou seja, o reino do capital, que nega a nossa própria existência como seres humanos e nos reduz a “coisas”, parece bastante sério, metódico e disciplinado.

Mas o seu apogeu possessivo, o seu rigor ético, a sua